



EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

João Aluado

realização



apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



Ilustrações: Rômulo Fideles

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Rômulo Fideles

Capa: Jason Felipe

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

João Aluado

"A serpente da Terra se torna celestial; com asas, pode voar e permite a ascensão da múmia às estrelas" – Mensagem no túmulo de Tutamés III.

A CHEGADA

Shaira havia finalmente feito progresso em seu estudo um tanto quanto misterioso. Regressava de uma missão feita nas matas de Redenção-CE, onde encontrou uma serpente alada de duas cabeças. Seu interesse por ela começou por conta de lendas antigas que escutou. Elas contavam que essas cobras voavam como se estivessem escrevendo no céu e desenhavam marcas na terra que pareciam símbolos muito estranhos.

Seguia em direção à cidade que seu povo havia construído no Maciço de Baturité. Eram descendentes da antiga comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Habitar em serras naqueles tempos era um privilégio, pois escapava ao mesmo tempo das duas catástrofes ambientais que assolavam as terras de mais baixas altitudes: o avanço do mar e a desertificação.

Ela seguia as trilhas de volta pra casa em sua bicicleta elétrica que era abastecida tanto por energia solar como pelo próprio ato de pedalar que recarregava uma espécie de bateria. Enquanto isso, o animal a acompanhava pelo ar seguindo o aroma do ramo de flores que ela levava consigo.

Ao final do trajeto chegaram em frente a uma majestosa queda de cachoeira. Então, ela se dirigiu a uma enorme árvore, afastou alguns cipós e atravessou um portal para dentro do tronco oco. Lá guardou a bicicleta junto com outras que eram compartilhadas pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores em expedição.

As duas agora seguiam em direção à cidade pela entrada preferida de Shaira que se encontrava ao lado da queda d'água. Ela já estava acostumada com a névoa

que escondia o portal. Esta era uma invenção de seu povo que aproveitava luzes refletidas em cristais e os muitos leitos de água que percorriam esta região. Criando, assim, um campo de vapor que camuflava os caminhos para seu território. Com isso, estavam protegidos de possíveis ataques de elites que buscavam roubar seus segredos para terem maior domínio sobre as terras baixas.

Ao atravessarem o portal em meio a névoa chegaram em uma espécie de tirolesa giratória. Tanto a queda da pessoa como a queda da água eram aproveitadas para gerar energia que fazia o equipamento subir de volta automaticamente. Ao aterrissar ao solo pôde observar uma fileira de líquens vermelhos surgindo em pedaços de madeiras velhos e úmidos, isso indicava que o ar estava bastante puro.

No caminho algumas pessoas acenavam de suas casas ao longo de árvores para a moça e para o animal com asas que rodopiava sobre as flores. Era uma espécie rara de ser encontrada, igualmente difícil era criar uma relação de confiança. Naqueles tempos seu corpo era caçado como um troféu pelas elites.

A casa de Shaira era como a da maioria. Havia uma porta de entrada no tronco de uma frondosa árvore. Esta dava para um cômodo com uma escada que levava para os compartimentos de cima. Mas, dessa vez, ela preferiu subir pelos cipós junto com o ser que flutuava ao seu lado.

Já dentro de sua casa pôde tirar suas vestes especiais que a protegiam dos fortes raios ultravioletas que assolavam o planeta com a camada de ozônio já bastante danificada.

Isto a fez lembrar do motivo dela poder andar livremente com roupas mais leves dentro daquelas terras e de toda rede de associações que permitem este bem-estar. Pensando nisso, ela seguiu o protocolo e foi alimentar sua árvore-casa com minerais. Dentro do organismo da árvore habitavam bactérias que precisavam destes minerais para respirarem e ao longo do processo liberavam elétrons. Em seguida, esta corrente elétrica entrava em contato com o oxigênio produzido pela

fotossíntese da árvore. E, por fim, com esta interação eram quebradas algumas moléculas de oxigênio que em seguida se reorganizavam em moléculas de ozônio. Este subia e se condensava no campo de névoa que é gerado para camuflar aquele território. E, assim, aquele povo havia criado uma espécie de camada de ozônio própria gerando um clima mais saudável para todos na região.

Esta era uma das experiências mais importantes e que exigiam mais da comunidade. Tudo começou com experiências que infectavam certas espécies de árvores com bactérias que geram eletricidade, buscando uma relação simbiótica. Era necessário um trabalho constante de reprodução e avaliação desses métodos por boa parte das pessoas.

Porém, o interesse das investigações de Shaira era outro. Na verdade, às vezes, havia alguns conflitos políticos entre seu campo de pesquisa e esse outro, por conta de questões como prioridade e investimento da comunidade, etc. De qualquer modo, ela não se deixava preocupar muito com isso e seguia seu modo de vida mais reservado.

Ela e a cobra de duas cabeças que agora rastejava, seguiam em direção às paisagens reservadas ao campo de estudos "linguagens da vida". Lá se encontravam pessoas que em termos antigos seriam chamadas de "biólogas" e "linguistas" ao mesmo tempo. Na verdade, Shaira era minoria dentro de sua própria área de estudos. Pois a maioria queria entender a "linguagem da natureza" mais como bioindicadores objetivos de determinada condição ambiental, um exemplo são os líquens vermelhos que indicavam a qualidade do ar. Buscavam seguir os passos dos conhecimentos deixados pelos "profetas da chuva" do Nordeste brasileiro. Estes no passado descobriam se o período de chuva seria bom observando onde fora construída a casa do João-de-Barro, a forma como as formigas organizavam seus alimentos, a reprodução de cupins, etc.

Já Shaira se inseria em um grupo menor que buscava entender, de maneira mais subjetiva as outras formas de vida. Ela queria realmente entender a linguagem

dos animais, seus modos de se comunicar seja por sons, toques, cheiros... Em suma, queria aprender a conversar com eles.

Enfim, ela chegou ao ecossistema que havia construído para Nehebkau morar. Este foi o nome que Shaira escolheu para a cobra ao longo do trajeto. Ela resolveu homenagear o deus serpente primordial dos antigos saberes de Kemet (Egito antigo).

O ambiente que foi projetado para a serpente viver tinha menos árvores altas e mais arbustos, os raios de Sol eram mais fortes, a terra mais seca e tudo mais quente... e certamente uma considerável quantidade das flores preferidas de Nehebkau. Finalmente, havia descoberto como cultivar as flores da maneira exata que a serpente gostava.

Shaira precisava fazer com que o animal se sentisse bem. As cientistas e os cientistas se embasavam em uma forte ética de liberdade e respeito pelo outro que era disseminada em toda comunidade. Por isso, ninguém capturava um bicho para fazer pesquisas. Criavam situações que atraíam o animal e lhe proporcionavam um lar ao chegarem.

Era preferível que as pesquisas fossem feitas já no próprio habitat original da espécie, mas se fossem estudos mais longos se tornava bem difícil, principalmente no caso de Shaira que seria nas terras baixas... As milícias ligadas às elites dominavam esses territórios. E todos habitantes do quilombo de Shaira eram perseguidos e marcados para a morte, pois representavam uma grande ameaça ao sistema em domínio com soluções sustentáveis para as pessoas viverem em abundância.

A SAÍDA

Shaira, enquanto não dormia ou comia, estava sempre ao lado de Kau (apelido de Nehebkau). Ela começou seus estudos da maneira mais tradicional,

buscando escutar o sibilar que havia entre as duas cabeças da serpente. Ela se questionava constantemente se o bicho teria dupla personalidade ou não.

Mas algo que sempre despertou sua curiosidade eram os movimentos que a cobra fazia no ar e no chão. Então, ela resolveu começar a desenhá-los no seu caderno de anotações. Nunca fora muito boa com desenhos, mas talvez fosse a única saída nesse momento para deslanchar seus estudos.

Todavia, passou-se anos até ela perceber alguns padrões nos símbolos que desenhava. As paredes de sua casa se tornaram um mural completo com diferentes figuras e formas rebuscadas. Agora ela já conseguia reproduzir perfeitamente o rastejar ou os voos da cobra. Assim, ela buscou classificá-los primeiramente dessa maneira: os "movimentos do ar" e os "movimentos da terra".

Apesar de alguns feitos, todo dia ela se perguntava se aquilo era um trabalho em vão, se realmente investigava uma forma de comunicação ou se eram apenas... movimentos. Mas todos aqueles símbolos que muitas vezes se repetiam... tinham que ser algo mais! Então, ela misturava os símbolos, tentava formar frases, anotava as horas do dia para cada movimento que se repetia, buscava relações no momento em que o bicho comia, dormia, cheirava flores, etc.

Até que Shaira começa a perceber uma certa sequência de padrões nos desenhos logo antes da serpente alçar voo. Os sinais se alternavam de acordo com o tipo de voo que seria feito. Era como se o animal conversasse com os ventos antes de mergulhar neles. Até que enfim, ela parecia estar descobrindo algo. Estava animada depois de anos de rabiscos...

Mas foi então que algumas crises de sua comunidade começaram a bater na porta de seu pequeno mundo discreto. Um grupo de cientistas chegaram para informá-la que ela precisava mostrar resultados efetivos de sua pesquisa, se não teria que ser interrompida.

Isso estava ocorrendo pois o quilombo estava precisando de mais terras por dois grandes motivos. Um era que a camada de ozônio da comunidade estava

ficando rarefeita e os raios passavam com mais intensidade afetando o microclima da região. Em consequência disso, alguns produtos agrícolas foram perdidos e a situação se agravava com o crescimento populacional que estavam passando. Diante disso, a previsão era que faltasse comida em alguns anos se a produção de alimentos não aumentasse.

Dessa forma, estava ocorrendo uma reorganização do uso de terras, buscando garantir mais árvores em relação com bactérias gerando ozônio, adaptando-as em casas para a população que crescia, além de mais hortas-jardins para a produção alimentícia.

Então, o dia para ela mostrar seus resultados com a Nehebkau foi marcado com urgência. Ela ficou bastante nervosa com tudo isso. As pessoas já não se agradavam muito com a ideia de sua estranha pesquisa e ela não era muito do tipo extrovertida. Então, pegou o histórico de seus relatórios de anos e anos de investigações. Fez um grande resumo e focou nos seus últimos resultados sobre a sequência de padrões que a cobra faz antes de voar.

Poucos dias após o ultimato, chegou o dia da apresentação. Estavam presentes representantes de todas as diversas áreas de investigações, além de ser aberto para qualquer pessoa da comunidade. Então, Shaira começou seu longo discurso sobre teorias da linguagem dos animais para embasar seus estudos, estava no meio da citação de exemplos práticos de outros casos quando foi interrompida. O cientista da área de pesquisas com ozônio a informou educadamente que estavam ali para escutar o caso específico de suas investigações.

Então, meio sem jeito, ela começou a introduzir os caminhos que percorreu para conseguir a confiança do animal e neste momento a plateia pareceu ficar um pouco mais animada. Todavia, quando ela relatou que ficou anos buscando decodificar desenhos dos movimentos que a cobra fazia, seguindo uma linha nada

convencional e obteve com isso apenas uma sequência de padrões, quem a ouvia ficou frustrado.

No meio desse clima tenso, uma pesquisadora dos bioindicadores da mesma área de Shaira, "linguagens da vida", solicitou que Shaira se comunicasse, nem que fosse de um modo simples, com a serpente. Shaira não estava preparada para isso e ficou ainda mais ansiosa...

Então, primeiramente resolveu pegar um grande quadro e desenhar na frente de Kau a sequência de símbolos que ela fazia antes de voar, esperando que a mesma o fizesse. Todavia... a cobra ficou exatamente como estava, enrolada e reluzindo de uma bela maneira sua pele dourada exposta aos raios solares.

Em seguida, como em um ato de desespero, Shaira se joga no chão e começa a rastejar tentando, sem resultados, imitar os movimentos da serpente. Não surtiu efeito algum. Seu corpo não foi feito para isso. E, por fim, sua última carta na manga foi falar de sua hipótese geral que ela tinha refletido nos últimos dias.

Sua tese era que as formas como as serpentes aladas de duas cabeças se movimentam são sim um modo de comunicação. Os símbolos variam de acordo com os diferentes fatores ambientais, seres e entidades que estão ali ao seu redor. Mas não era um modo de comunicação somente entre a mesma espécie. Parecia que elas tinham criado uma linguagem universal para todos entenderem. Era como se conversassem com os diferentes ventos antes de voar ou como se tivesse um símbolo para cada espécie de pássaro que estivesse passando no momento, etc.

A plateia olhou para Shaira meio confusa. Então, um pequeno grupo se formou, agradeceram a apresentação e pediram um tempo a ela. Por fim, veio o coordenador geral de pesquisas com um semblante um pouco desanimado e a informou que para evitar as crises previstas de ozônio e de alimentos, seria necessário que as terras mais secas onde a pesquisa de Shaira se localizava, fossem transformadas em agroflorestas. E assim, a cobra precisaria voltar para seu habitat original.

Aconselharam que Shaira fosse remanejada para o grupo das investigações com bioindicadores ou, pelo menos, integrasse em equipes de comunicação com animais mais comuns e de modo mais convencional, já com algum sucesso. Em suma, queriam que ela buscasse estudos com especulações e métodos menos abstratos.

Todavia, ela decidiu o inimaginável. Nehebkau se tornou sua obsessão, dizia uns, ou sua paixão, como ela dizia. Ela iria acompanhar a serpente e viver fora das fronteiras de seu quilombo. No pé da serra. Nas terras baixas. Uma decisão corajosa, diria uns, ou imprudente, diriam outros.

A DESCIDA

Não guardou rancor e nem raiva de sua comunidade. Ela compreendia que eram medidas necessárias para o bem-estar de seu povo. Estava triste por ir embora. Afinal, viveu a vida toda naquele lugar, tinha laços com a terra, com amigas e amigos. E apesar de não ter constituído uma família própria, todas pessoas do quilombo eram sim sua família. Mas não havia outra opção para ela. Sua pesquisa já era sua vida e a Kau também já era sua família, não iria deixá-la sozinha.

No dia de sua despedida, seu povo lhe deu todas as invenções que tornariam a vida dela melhor naquelas condições. Diferentes vestes que protegiam dos raios ultravioletas, várias plantas medicinais, diversos tipos de sementes criolas que se adaptariam melhor a sua nova região, um forno solar, uma bicicleta elétrica e por fim uma arma de choque...pois nunca se sabe quem estaria à espreita.

Amigas e amigos a acompanharam até o local onde ela iria morar. Ajudaram com as coisas e construíram juntos uma simples casa próxima a uma pequena lagoa. Avisaram que ela devia pedir auxílio para qualquer coisa que precisasse. Ela agradeceu a ajuda e abraçou em despedida cada uma e cada um.

Não era uma vida ruim... Na verdade, havia dias muito bons quando ela descobria um novo padrão de símbolos e o encaixava em uma sequência. Sua horta

cresceu bem, as plantas de seu povo tinham origens boas. E garantir seu próprio alimento, água e saúde fazia parte da educação comunitária desde a infância. Ela acordava com o Sol e dormia quando Kau decidia descansar.

Um certo dia, apreciando a poesia que Kau fazia nos céus, serpenteando hipnoticamente entre a relva e as nuvens com sua pele brilhando tons alaranjados de pôr do sol, se distraiu tanto que cochilou. Ao acordar já era noite, não estava tão distante assim de casa, mas era noite de Lua nova e por isso o caminho estava bastante escuro.

Olhou ao redor em busca da Kau, mas nenhum sinal. Então, resolveu fazer o caminho de volta para casa, talvez ela já tivesse ido. Além dos grilos e do assóvio do vento, tudo era um silêncio profundo... E com o passar do tempo se tornou ensurdecedor.

De repente... um silvo angustiante de arrepiar percorreu toda a mata. Era a Kau! Shaira começou a correr desesperadamente em direção ao som até que... um tiro seco se irrompeu no ar. Shaira travou, fincou seus pés no chão, sua espinha congelou, um gosto de sangue subiu à sua boca e uma lágrima desceu. Mataram Kau?...

Passos. Então, sentiu um cano metálico encostando levemente em sua nuca e uma mão firme e grossa segurou seu ombro por trás. Uma voz grave, fria e lenta perfurou seus tímpanos e exigiu obediência.

Enquanto tentava tremer menos outro sibilo cortou o ar. A serpente passou voando rapidamente e fincou os dentes no braço do homem que tentou se desvencilhar dela. Outro tiro sobe aos céus. Shaira já estava correndo quando o homem gritou seu nome. Ela fica perplexa. E se pergunta como ele podia saber... Não era um mero criminoso da noite à deriva... Era um membro da milícia ligado às elites.

Neste momento o homem já estava ao seu lado e havia colocado uma algema em seu punho e com a arma novamente apontada na cabeça dela. Seu braço estava

intacto, nenhum efeito da mordida. Suas vestes o protegiam dos pés à cabeça. Ele havia estudado suas adversárias.

Shaira observou tudo passando em câmera lenta. Kau se movimentava de uma maneira que Shaira nunca tinha visto. Era como se estivesse em dúvida do seu próximo passo. Shaira observou na brecha da máscara do homem aquela pele de cor pálida e fria... Era a primeira vez que via um branco...

Ela entendeu tudo. Não seria morta. Seria sequestrada. Iriam querer alguma recompensa por parte de seu povo. E pior, a torturariam para que contasse todos segredos do quilombo, algo que tornaria as elites ainda mais fortes.

Sabia o que tinha que fazer. Então, com um olhar profundo para a serpente de duas cabeças, Shaira fez seu último desejo a Nehebkau. Então, a cobra desvia dos ataques do homem e crava sua dupla arcada de dentes no pescoço de Shaira. Em uma fração de segundos, ela sorriu, pois soube que os saberes de seu povo estariam guardados. Em seguida, o veneno penetrou rapidamente na corrente sanguínea e garantiu a Shaira uma morte rápida. Um grito de raiva e um par de cabeças de cobra caíram no chão.

A SUBIDA

Escuridão... Uma luz colorida começa a ser projetada. Formas, cores, ruídos.... Sons e imagens. Cenas. A vida de Shaira é revivida por ela como se fosse um filme. Pode pausar, acelerar, retroceder. Agora tinha todo o tempo do mundo.

Todos os passos que deu na vida. Passos. Movimentos. Começou a ver... padrões. Símbolos. Não era possível... Seus movimentos se adequavam de acordo com os seres e entidades ao seu redor... Repetições. Variações. A mesma tese que ela aplicava a Nehebkau poderia ser aplicada a ela mesma?

Ela quis rever o dia em que falhou na experiência em tentar conversar com Kau na frente de seu povo. Acompanhou, desenhou, analisou, interpretou, compreendeu. A verdade é que sempre houve diálogo entre as duas. Inclusive

naquele momento de "falha". Não era por imitação dos símbolos e movimentos que iria conseguir. Cada ser, cada corpo, cada ente tem seus símbolos e padrões particulares. E há uma comunicação que ocorre automaticamente. Não era necessário forçar nada. A questão toda é de percepção.

Não há símbolos e nem referências comuns entre os diferentes seres. O significativo é insignificante para compreender o outro. Na verdade, o movimento isolado de cada um nunca faria sentido. Por isso, Shaira só começou a perceber algum padrão ao relacionar a cobra com o vento. A mensagem da comunicação só é completa e só faz sentido ao perceber todos os movimentos de seres que estão interagindo em certo contexto. A frase final é coletiva. Quando se permite perceber o ciclo completo de movimentos de certa interação, daí se entende a frase, sente-se um afeto, aprende-se uma lição, contempla-se uma imagem, um sentimento em comum. Não era como se os seres se comunicassem entre si, era como se eles fossem um único ser comunicando algo maior...

Shaira estava novamente perdida. Perdeu o fio da meada. E começou a brotar perguntas em sua mente... Como era possível seus movimentos gerarem um padrão que ela nunca soube da existência enquanto viva? Que símbolos eram aqueles que ela repetia e nunca teve conhecimento deles? Até que ponto suas ações eram conscientes? Até que ponto ela agia por vontade própria? Será que ela seguiu passos de um destino já determinado esse tempo todo? Começou a questionar sua própria existência...

Quando ela estava quase se afogando em seu mar de questionamentos surge a imagem de um ser com corpo esguio e dourado, alado e de duas cabeças: Nehebkau. Shaira volta a respirar e sorri. O olhar das duas se encontra. E de imediato se estabelece uma conexão mental.

Uma frase surge na "cabeça" de Shaira: se queres entender o todo, primeiro é preciso perder a si nele. Sua alma era mais livre que nunca, não temia mais nada. Nem mesmo... desaparecer.

Nehebkau estava imensa agora, parecia um dragão, uma serpente cósmica. Shaira montou em seu longo corpo e subiram o mais alto em direção ao firmamento. Flutuavam no limiar entre a Terra e o Universo. Shaira pôde sentir as ondas solares atravessarem seu corpo, ativando os buracos negros de sua pele que se confundiam com o infinito negro, e assim sugou todo o cosmos para dentro de si. E assim, ela se desfez.

Uma rajada de ar a levou por todo o planeta e ao tocar na terra sentiu o efeito em cadeia de todos os movimentos e desenhos feitos por todos organismos e entidades em seu ser. Todas e todos eram orquestrados por esse grande ser que é o próprio planeta Terra. Todos os símbolos faziam parte desse grande discurso elaborado pela Terra. Este era o grande ser vivo que falava através dos organismos menores.

Seu ser entrou em uma onda eletromagnética e na velocidade da luz ricocheteou em todos os planetas do sistema solar. E primeiro percebeu a conversa existente entre eles. A conversa interplanetária que se dá através dos movimentos dos organismos e das entidades que habitam em cada um.

Em seguida passeando pela matéria escura começou a observar símbolos desenhados pelos movimentos dos planetas do sistema solar e como os raios solares davam vida a estes símbolos... Curiosa, resolveu se desdobrar pelo tecido do espaço-tempo atravessando vários sistemas planetários e suas respectivas estrelas. E foi então que percebeu...

A grande conversa interestelar. Os giros dos planetas formam códigos. Códigos estes que são transmitidos de estrela em estrela. A teia cósmica é um diálogo entre estrelas. Todos somos poeiras estelares. Temos as mesmas origens. Cada um segue seu ritmo para criar essa dança cósmica. Cada um tocando sua partitura nessa música cósmica... Eu sou porque nós somos...

Então, de repente, Shaira lembra da Shaira. Ainda com sua visão meio caleidoscópica se percebe montada em uma bela serpente cósmica. "Eu sou

porque nós somos". Ela já tinha ouvido falar muitas vezes essa frase... Então, começou a vir algumas imagens em sua cabeça... Uma névoa cobrindo uma cidade, uma árvore cheia de bicicletas, uma cachoeira, casas feitas em árvores...

Até que surge uma imagem de sua infância onde ela cuidava de plantas medicinais em uma horta. Uma mulher mais velha falava sobre a importância de cuidar do outro, pois ele cuida de você de volta... "Eu só sou, pois há um coletivo heterogêneo que me dá bases para me sustentar e ingredientes para recriar a mim mesma." Esta era a filosofia de seu povo, a qual era ensinada a todos desde os primeiros passos, através de conversas, histórias, jogos e outras práticas.

Era a chamada filosofia Ubuntu que vem se recriando ao longo dos tempos desde antigas civilizações africanas, passando principalmente pelos povos de língua bantu, e sendo mantida também pelo povo de Shaira. Ela se lembra que foi essa concepção que deu base para a criação de tanta diversidade e abundância em sua comunidade.

Estas memórias a fizeram se reconectar novamente com suas raízes. Sua alma se recompôs. Seu ser se reintegrou por completo. Tinha a cabeça nas nuvens, mas com os pés no chão. Enfim, havia compreendido a linguagem dos movimentos e símbolos de cada ser. Uma viagem que havia começado com sua serpente que agora a levava por uma viagem no espaço-tempo.

E sobre as perguntas que enlouqueceram sua mente: se ela era um indivíduo racional que agia por conta própria ou se ela era apenas uma peça de uma engrenagem muito maior e com o destino já feito... A resposta é nem um, nem outro...

Eu sou porque nós somos.